



ACADEMIA PERNAMBUCANA DE ENGENHARIA

I N F O R M A T I V O

ANO 2 | Nº 3 | DEZEMBRO 2021

Palavra do Presidente

Dois aspectos de cunho emocional bem diferentes têm presidido os sentimentos de alegrias e tristezas que estão aninhadas nos corações de cada integrante da nossa Academia Pernambucana de Engenharia.

Do lado das tristezas estão as incontáveis perdas por morte que deixaram vazios impreenchíveis. Jovens brilhantes que se tornaram engenheiros notáveis e por isso nos deixaram lembranças imorredouras. Todos eles continuam entre nós como se vivos estivessem, pelas obras que construíram e pelos professores que foram. Joaquim Corrêa e Dilson Teixeira foram verdadeiros ícones para nossa Escola de Engenharia. Competentes, didáticos, éticos, cordiais e, ao mesmo tempo, calmos e exigentes. Outro colega falecido muito recentemente e meu colega de turma foi Armando Pelegrino. Integramos a turma de 1958, quando tivemos como paraninfo o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. Armando, sempre presente organizando encontros da turma, era essencialmente agregador e não perdia oportunidade para as celebrações dos colegas. Deixa um enorme vazio.

Por oportuno, devo registrar um fato muito significativo do perfil do querido Dilson. Ele foi meu afilhado como associado e presidente do Rotary Clube do Recife Largo da Paz no ano 1972/1973 quando, coincidentemente, fui governador do Distrito. Dilson, naquele período, fundou um clube juvenil – o Rotaract – com a presença de 80 jovens. Esse grupo de jovens é, no Rotary, o mais antigo do Brasil em funcionamento.

E é nesse quadro de pandemia e de enormes complexidades que buscamos forças para abraçarmos as Engenharistas com devotamento e abnegação, mostrando a toda a sociedade os nossos compromissos com a profissão e com o Brasil.

Além de semanalmente realizarmos reuniões plenárias discutindo temas de interesse de Pernambuco, do país ou internacionais. Apenas, como exemplos, podemos informar temas que estão na pauta de discussões nos dias atuais:

1. “*O Emprego do Gesso na Construção Civil*” – pelos professores Romilde Almeida de Oliveira, Mário de Oliveira Antonino, Carlos Wellington de Azevedo Pires Sobrinho, Josias Inojosa de Oliveira Filho e Iêda Vieira Póvoas.
2. “*O Emprego do Gesso na Agricultura*” – Engenheiros agrônomos professores Geraldo Eugênio de França e Fernando José Freire e o engenheiro químico Luciano Peres.
3. “*Desafios para Implantação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU*” – Professora Maria do Carmo do Sobral.
4. “*Os Usos da Neurociência na Engenharia e na Medicina*” – pelo engenheiro e físico, professor Frederico Dias Nunes.
5. “*Reflexões Sobre o Futuro da Engenharia e dos Engenheiros*” – pelo engenheiro e físico, professor Frederico Dias Nunes.
6. “*O Cultivo da Fava e do Feijão Guandu no Semiárido*” – pelo engenheiro Agrônomo do IPA, Antônio Felix da Costa. ([Continua na próxima página](#))

UM FELIZ COMUNICADO

Registramos, com grande prazer, proveitosos entendimentos mantidos entre o professor Mário de Oliveira Antonino, presidente da Academia Pernambucana de Engenharia, e o presidente do CREA-PE, Adriano Lucena, na busca pela continuação da parceria para a editoração dos *Cadernos do Semiárido*. Assim, não haverá interrupção da publicação desta conceituada revista tecno científica.



7. “A Questão dos Resíduos Sólidos na Região Metropolitana do Recife” – pelo engenheiro civil, Dr. Bertrand Sampaio de Alencar.

8. “O Uso de Materiais Resistentes à Tração no Concreto que permitem evitar a Corrosão” – Professor Romilde Almeida de Oliveira.

9. “A Produção do Leite no Agreste e no Sertão de Pernambuco” – pelo veterinário do IPA, Sebastião Guido.

10. “O Mel de Abelha do Araripe” – pela equipe do Sebrae, Pernambuco.

Nesse formidável campo de estudos, onde as ciências não atuam mais sozinhas, mas interagem das mais diversas maneiras, a simplicidade dá lugar à complexidade, as interações e as interpretações são cada vez mais desafiadoras. Hoje, um cientista da área de solos é capaz de dar informações sobre a taxa de umidade da camada superior do solo, do terreno de qualquer quintal ou jardim do mundo.

Se o Brasil, felizmente, dá ao planeta exemplos de excelente desempenho na área do agronegócio, é natural que também seja muito bem-sucedido em várias outras partes onde as novas tecnologias e a modernidade estejam presentes. E se somos orgulhosos desse êxito é porque temos posto em prática competência, compromisso e muita responsabilidade.

É assim que pretendemos dar continuação a esse nosso honroso trabalho através da Academia Pernambucana de Engenharia.

Fraternamente,

Márcio de Oliveira Antonino.

Uma visita memorável a dois engenheiros

O Presidente da APEENG é recebido por colegas na Fiep, em João Pessoa, Paraíba



Rica em recordações de um passado glorioso foi a visita feita pelo professor Mário Antonino a dois brilhantes ex-alunos seus, integrantes da turma de 1968, da Escola de Engenharia de Pernambuco, onde estudaram. Naquela época era comum estudantes originários de outros estados nordestinos estudarem na cidade do Recife.

A qualidade do ensino, medida pelo prestígio dos mestres professores franceses e portugueses de reputação em toda Europa, dava a certeza de que de lá saíam engenheiros dignos dos destinos do Brasil.

Tais como o engenheiro Francisco Gadelha(Buega) e o seu colega George Cunha, hoje engenheiros de grande prestígio na Paraíba e no Brasil.

George Cunha famoso pela quantidade e pela extensão de centenas e centenas de canais da Paraíba e em vários estados brasileiros; Francisco Gadelha (Buega na intimidade) prestigiado engenheiro e verdadeira liderança do empresário paraibano e brasileiro, membro do Conselho Na-

cional da Indústria, há 26 anos na Presidência da Federação da Indústria, com magnífica trajetória desenvolvimentista, gerador de empregos, criador de brilhantes arranjos produtivos, verdadeiro orgulho da Paraíba.

Durante a visita, na qual visitante e visitados trocaram proveitosas ideias sobre possíveis parcerias a serem exercitadas, foram vários os arranjos produtivos comentados, bem como propostas sobre a infraestrutura comum aos dois estados nordestinos.

Na ocasião, houve também um momento de cordialidade e reciprocidade. O professor Mário Antonino ofereceu uma coleção de *Cadernos do Semiárido* ao presidente Francisco Gadelha(Buega), que, por sua vez, ofereceu um excelente *Atlas de Recursos Minerais da Paraíba*, ao professor Mário, que por sinal, sente-se muito honrado em ser paraibano de Serra Branca.

A visita contou ainda com a participação da senhora Celma Antonino, esposa do professor Mário e da engenheira ambiental e Secretária Executiva da Associação dos Engenheiros Ambientais e Sanitaristas de Pernambuco(AEAMBS-PE), Thaís Bezerra Patú.



O presidente da APEENG e sua comitiva foram recebidos na Fiep, em João Pessoa



Cadernos do Semiárido: riquezas e oportunidades

Publicação da APEENG reúne importante material sobre a região | GERALDO EUGÊNIO*



A cada dia fica mais claro que quem melhor utilizar o conhecimento e transformá-lo em tecnologia e inovação sai à frente e aumenta substancialmente as chances de sucesso. Também é sabido de nós que durante muito tempo o semiárido, além de ser conhecido pelas secas, pela pobreza, pelo coronelismo e pela distância, era uma região problemática que se configurava como um dreno de recursos para a nação. Era a cesta básica, as secas, o perdão das dívidas, as emergências e, antes dos programas sociais que já duram vinte anos, os saques às feiras e mercados por multidões de maltrapilhos e famintos. Em outras palavras o semiárido era uma escultura do nosso magistral Abelardo da Hora. Ponto final.

A LUTA DE UM HOMEM OBSTINADO

Lembro como hoje, de um encontro que tive há cerca de cinco anos com um homem obstinado pela região, o Dr. Mário de Oliveira Antonino, um engenheiro civil, professor aposentado de cálculo da Escola de Engenharia da UFPE, paraibano de Serra Branca. Dr. Mário quando de sua vida como professor teve a honra de ensinar os melhores quadros da engenharia pernambucana e nordestina e por suas salas de aula haverem passado cinco reitores, quatro da UFPE e um da UNB. Em sua vida como engenheiro, destacou-se como um dos melhores técnicos do Brasil em estruturas pré-moldadas passando por seu controle e acompanha-

mento a construção dos terminais açucareiros de Recife e Maceió, além de haver servido ao governo de Pernambuco, em duas gestões como o principal gestor em obras hídricas no interior suscetível a secas. Não é necessário ser um especialista em engenharia para ver que os vãos daqueles armazéns açucareiros, com uma viga única não é coisa para amador. Dois outros assuntos fazem seus olhos brilharem de alegria: seu Rotary, a quem se dedica com esmero, sendo um dos mais respeitados membros deste clube de serviço, e o Semiárido. Seu ambiente de recordações da infância, sua distração como produtor e a região que simboliza seus sonhos. Dr. Mário queria falar dos *Cadernos do Semiárido*, sobre o que já tinha feito e se poderia contar com uma simples ajuda na identificação de temas, colaboradores e patrocinadores para aquele esforço quase que quixotesco. Este encontro me marcou profundamente, afinal, foi a obra que ele havia escolhido para a comemoração do quinquagésimo aniversário do Rotary Recife. Sua relação com a caatinga, sua vontade de servir, seus propósitos são de tal magnitude que costumo dizer não há quem, de boa vontade, negue auxiliá-lo nesta caminhada. Tornei-me seu admirador e auxiliar, mais um entre tantos sanchos-panças. Com orgulho.

UMA GRANDE REDE DE COLABORADORES

Até o presente são dezoito números publicados, em temas que cobrem desde a caprino-ovinoicultura, o feijão caupi ou de corda, a palma forrageira, a aquicultura, as obras hídricas, a educação e tanta coisa mais. Dezoito documentos em formato de revista ampliada com aproximadamente setenta páginas, tratando deste conjunto de

temas a partir de uma ótica nem sempre vista, chamando a atenção para as riquezas e oportunidades da região. Esta é a diferença, uma visão de um cidadão que poderia estar curtindo sua aposentadoria junto aos filhos e netos e envolvido diariamente com três instituições: os *Cadernos do Semiárido*, o Rotary Club Largo da Paz e a Academia Pernambucana de Engenharia, na qual é seu presidente.

USEM OS CADERNOS. VALE A PENNA

Esta biblioteca maravilhosa, além de impressa, tem todos os exemplares, em PDF, à disposição na página do IPA, no link: <http://www.ipa.br/novo/cadernos-do-semiarido>. Quatro novos números estão prestes a serem publicados e outros tantos dentro de seu planejamento de curto e médio prazos. Dr. Mário conseguiu uma

façanha, congregando mais de 230 profissionais, diga-se os mais renomados e conhecedores, de cada área, na confecção desta obra. Um conjunto de documentos atuais que podem ser utilizados na escola superior, média, nos ambientes de discussão, entre os extensionistas, produtores, líderes rurais, políticos e a quem interessar pelo Semiárido nordestino.

Convido a todos a conhecerem este esforço e apoiarem a dedicação de seu mentor, Dr. Mário Antonino, daqueles que têm apoiado na organização, formatação e editoração dos documentos, dos patrocinadores e, em especial, dos autores. Não se encontra com facilidade tanto conhecimento traduzido na linguagem do homem comum, tratando de temas que podem ser aplicados em todos os nove estados que contam com regiões semiáridas, desde o

estado do Piauí ao Espírito Santo, disponível de forma livre.

Caros mestres, usem em suas aulas, em suas atividades, compartilhem e discutam com seus alunos e torne os *Cadernos do Semiárido* uma fonte de consulta e referência. Dirigentes de instituições de ensino, pesquisa, extensão, assistência técnica, crédito rural, bibliotecárias, disponham da coleção em seus sites e páginas eletrônicas e assim vocês contribuirão para o sucesso do ensino e do empreendedorismo.

Conhecimento é cultura, é inovação, é riqueza. Vamos aproveitar a dedicação deste visionário que como octogenário mantém a fé e a energia de um jovem. Obrigado, Dr. Mário.



*GERALDO EUGÊNIO

Engenheiro agrônomo pela UFRPE, pesquisador do IPA e ex-secretário de Agricultura



DEBATE NO SERTÃO

Nos dias 5 e 6 de novembro, no município de Serra Talhada-PE, profissionais das engenharias e geociências, estudantes, professores, sociedade civil, gestores públicos e privados, estiveram presentes participando do CREA - PE Desenvolve. Foram debatidos diversos eixos sobre *Infraestrutura para o Desenvolvimento da Região, Sustentabilidade, Produção Agrícola, Pecuária e Florestal*, dentre outros, resultando na construção de uma carta coletiva que foi lida entre os presentes.

Durante o evento, o professor Mário de Oliveira Antonino (presidente da Academia Pernambucana de Engenharia) e idealizador dos *Cadernos do Semiárido*, abordou a importância de levar para a região temáticas como o *Bioma da Caatinga, Caprinovinocultura*, tão relevantes para a região, trazendo uma visão de riquezas e oportunidades.

TECOMAT
Engenharia

JOVEngenharia
Consultoria em Engenharia Civil

COPEF
ESTACAS

ENGEDATA
ENGENHARIA ESTRUTURAL LTDA.



Reunião congregou as diretorias do CREA-PE e da APEENG

APEENG apoia projeto do Memorial de Engenharia

Em visita ao CREA-PE, diretoria da academia reafirma a importância de manter viva a história da engenharia no Estado

O que era para ser uma reunião onde a Academia Pernambucana de Engenharia (APEENG) declararia seu apoio à construção do Memorial de Engenharia transformou-se numa aula de história da engenharia pernambucana. Em 16 de agosto, o presidente do CREA-PE, Adriano Lucena, recebeu o presidente da APEENG, o professor e rotariano (como gosta de destacar) Mário de Oliveira Antonino, 88 anos. Engenheiro civil de formação, o catedrático mostrou uma vitalidade e juventude de pensamento invejáveis.

Antonino veio com uma comitiva de peso. Todos professores e confrades da APEENG. Estiveram presentes José Artur Padilha, Maurício Pina, Frederico Nunes e Leonardo Sampaio. A mascote do time foi a engenheira ambiental e conselheira do CREA-PE, Thaís Patu, que veio a convite da APEENG. Ainda presentes no encontro, o vice-presidente do CREA-PE, Stenio Cuentro, o superintendente Nielsen Christianni, e o chefe de gabinete Ermes Costa.

“Vocês são muito jovens. No pensamento, na disposição e na coragem, que vocês poderiam estar fazendo mil e uma outras coisas, muito mais confortáveis, muito mais prazerosas do ponto de vista do lazer e vocês trocam tudo isso para estar na jovialidade do debate, na construção de um mundo melhor”, fez questão de pontuar Lucena, depois de ouvir a “velha guarda” da engenharia.

Além de apoiar a construção do Memorial, um projeto que Antonino classifica de suma importância para a história da engenharia e de Pernambuco, a academia, na figura do presidente e seus confrades, colocou-se à disposição do CREA para participar de debates para o desenvolvimento da engenharia, da sociedade e do Estado.

Na visita, Antonino entregou a Adriano Lucena volumes impressos dos *Cadernos do Semiárido*, produzidos pela academia. Cada exemplar versa sobre um tema de desenvolvimento para a região do seminário, a exemplo de obras hídricas, edu-

cação para o desenvolvimento sustentável. A 19ª edição será lançada agora sobre dessanização. Todos os exemplares estão disponíveis na versão online no site do CREA-PE e podem ser acessados.

Sobre o Memorial, o professor Maurício Pina, que está à frente do projeto, destacou a importância do suporte e empenho que a UFPE vem tendo com a implantação do memorial. O projeto, que tem apoio de diversas entidades pernambucanas, como o CREA-PE, o Sindicato da Indústria da Construção Civil no Estado de Pernambuco (Sinduscon-PE), o Sindicato Nacional das Empresas de Arquitetura e Engenharia Consultiva (Sinaenco-PE), a Associação das Empresas do Mercado Imobiliário de Pernambuco (Ademi-PE), prevê que a antiga Escola de Engenharia de Pernambuco seja transformada no primeiro Memorial de Engenharia do país. Pina revela que a UFPE conseguiu um recurso na ordem de R\$ 1 milhão destinado à universidade, mas a intenção é que o dinheiro seja investido no prédio da antiga Escola de Engenharia.

Temas como agricultura, piscicultura, pandemia, geração de energias alternativas foram abordados durante a reunião. Sugestões e proposições não faltaram. Para beber mais da fonte do conhecimento da academia, Adriano Lucena propôs encontros mensais para viabilizar projetos e sugestões dos catedráticos. Antonino não só aceitou como emendou: “pode ir separando pelo menos duas horas na sua agenda para nossos encontros”.

Assessoria de Imprensa do Crea/PE



CARLOS MARIZ

“É necessário que a sociedade entenda que o país precisa de uma matriz de energia elétrica mais confiável e que a segurança energética dependa menos do clima”

Nesta terceira edição do boletim da Academia Pernambucana de Engenharia, entrevistamos o acadêmico fundador Carlos Mariz, um dos maiores especialistas em energia nuclear do Brasil, e que assumiu a presidência da Associação Brasileira de Energia Nuclear

O senhor acaba de assumir a presidência da Associação Brasileira de Energia Nuclear. Qual a importância desta instituição?

A energia nuclear é a forma mais confiável de produção de eletricidade. Produz energia 24 horas por dia 7 dias por semana, na potência máxima, sem emissão de gases de efeito estufa e sem depender do clima. Dada a importância da energia nuclear para o desenvolvimento do nosso país, é que estamos sempre

chamando a atenção para importância dessa forma de energia.

Atualmente, estou na presidência da ABEN - Associação Brasileira de Energia Nuclear, tendo assumido em maio, após o falecimento do colega Rogério Arcuri. A associação data de 1982 e congrega os maiores especialistas do setor nuclear brasileiro. Ela preza pelo desenvolvimento da energia nuclear em suas mais diversas aplicações: na produção de energia, na medicina, na agricultura, na indústria, em todo o desenvolvimento técnico científico. Queremos promover e esclarecer a população sobre os diversos usos da energia nuclear.

Em 2021, tivemos um grande evento na área, promovido pela Aben. Pode falar um pouco sobre ele?

A cada dois anos a Aben promove uma conferência internacional, a Conferência Internacional do Atlântico, a maior do hemisfério sul sobre o assunto. Devido à pandemia, este ano fizemos de forma virtual, entre os dias 29 de novembro 2 de dezembro. O tema central da Conferência, este ano, focou na questão Climática relativa ao aquecimento global: Tecnologia Nuclear: Menos impacto do carbono no planeta e mais qualidade de vida. Com palestras, mesas redondas, publicações e apresentações de trabalhos, uma feira com a divulgação de produtos e serviços e também uma sessão de pôsteres júnior, no programa nacional de iniciação científica, com estudantes de graduação, como estímulo à produção do conhecimento. Como sempre, contamos com uma grande participação internacional.

Como anda o setor nuclear brasileiro em 2021?

Este ano, o setor nuclear brasileiro está retomando a construção



de Angra 3, o que agregará uma produção de energia firme de 1400MW a partir de 2026. E também o setor está iniciando as ações para a construção de mais 8.000 a 10.000 MW de novas usinas nucleares para os próximos 30 anos. Aqui, em Pernambuco, temos um excelente sítio nuclear, na região de Itacuruba. A instalação de uma usina nessa localidade é uma grande oportunidade para desenvolvimento socioeconômico e educacional para o sertão e para o nordeste do Brasil. Precisamos de energia em abundância e com qualidade para nos desenvolver.

Como o senhor avalia a matriz energética brasileira?

Precisamos que todos entendam que necessitamos de uma matriz de energia elétrica mais confiável e que dependa menos do clima. O consumo de energia per capita fala muito sobre o nível de desenvolvimento de um país. No Brasil, o consumo per capita 2500Kwh por habitante por ano, é muito baixo quando comparado com os países desenvolvidos. Precisamos duplicar esse valor para poder reduzir nossas desigualdades e elevar o nosso crescimento socioeconômico.

Como o senhor avalia a imagem e o entendimento das pessoas sobre a energia nuclear?

A energia nuclear é a mais segura, dentre todas as formas quando se comparam os números. É preciso uma boa comunicação para um bom entendimento da população, tarefa imprescindível para a consecução do novo programa nuclear do Brasil, e que o setor vem fazendo ultimamente, em escala cada vez maior, através de seminários, palestras, artigos e declarações de entidades como a ONU, por exemplo. As conferências do clima estão cada vez mais impor-



ilustração do projeto da usina na região de Itacuruba

A energia nuclear é a forma mais confiável de produção de eletricidade. Produz energia 24 horas por dia 7 dias por semana, na potência máxima, sem emissão de gases de efeito estufa

tantes e a energia nuclear é indispensável para a questão climática. É uma alternativa para combater o efeito estufa. A ONU deu essa declaração recente que a energia nuclear é indispensável para o combater as emissões de CO2 na atmosfera. Essa consciência está sendo tomada.

Como estaria hoje o Brasil se tivesse investido mais na energia nuclear?

O Brasil seria hoje um país desenvolvido. Sem entrar em muitos detalhes basta comparar com o crescimento da Coreia do Sul. Ela iniciou seu programa nuclear junto conosco construindo uma usina igual a Angra I. Nós fizemos Angra II e paramos. Eles fizeram mais 25 usinas e se desenvolveram permeando energia, transferência de tecnologia com desenvolvimento tecnológico e econômico. Não teríamos passado pelo apagão 2001 e muito mais. Se nós não tivéssemos perdido esse tempo... Poderíamos estar hoje com 10, 15 ou mais usinas nucleares operando no Brasil. Com certeza também não estaríamos enfrentando atualmente os problemas de racionamento de energia que o país está sofrendo com possibilidades reais de agravamento.

O que temos de fazer é que daqui para a frente espero que tenhamos aprendido a lição.



Uma vida dedicada à oceanografia

O engenheiro de pesca Fábio Hazin foi um dos maiores especialistas em ataques de tubarão no nosso litoral

| MARCELO BRITO CARNEIRO LEÃO*

O professor Dr. Fábio Hazin faleceu no dia 8 de junho de 2021, aos 57 anos, por complicações da Covid-19. A UFRPE presta uma justa homenagem ao professor Dr. Fábio Hissa Vieira Hazin, graduado em Engenharia de Pesca pela UFRPE, com Mestrado e Doutorado em Tóquio (Japão) e Pós-Doutorado em Miami (EUA); e especialização nos EUA, em Direito Internacional do Mar. Atuava como professor da UFRPE desde 18/09/1992, no Departamento de

Pesca e Aquicultura, especialmente no curso de Engenharia de Pesca, e no Programa de Pós-Graduação em Recursos Pesqueiros e Aquicultura.

Na UFPE, orientou no Programa de Pós-Graduação em Oceanografia, no PPGOcean por quase 30 anos (desde 1992), formando mais de 20 mestres e nove doutores que hoje atuam em todo o Brasil e no exterior. A sua atuação principal foi a oceanografia pesqueira, com ênfase nos grandes peixes pelágicos (atuns, agulhões, tu-

barões), enfocando principalmente a biologia reprodutiva, distribuição, comportamento, migração, gestão pesqueira e direito internacional do mar, tendo exercido diversos cargos relevantes no Brasil e no mundo.

Exercia a função de coordenador-geral científico do Programa Arquipélago de São Pedro e São Paulo. Entre 2008 e 2009, presidiu o processo de negociação na FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) para a elaboração e a adoção de um tratado internacional com o objetivo de prevenir e eliminar a pesca ilegal, aprovado em 2009.

Coordenou no Brasil o Projeto de Redução de Fauna Acompanhante (REBYC/FAO-LAC II) em arrastos de camarão e foi presidente do Conselho de Pesca da FAO.

Foi o pioneiro em trabalhos de monitoramento de ataques e comportamento de tubarões no Brasil, bem como, presidiu a Associação Brasileira de Engenharia de Pesca; a Comissão Internacional para a Conservação do Atum Atlântico; a Comissão de Pesca do Oceano Índico Sudoeste e a Comissão do Oceano Pacífico Oeste e Central, entre outras. Em 2015, exerceu o cargo de Secretário Nacional de Pesca do Ministério da Pesca e Aquicultura e, interinamente, de Ministro de Estado da Pesca e da Aquicultura.

O professor Fábio Hazin foi e sempre será uma referência da Engenharia de Pesca, inspirou centenas de alunos e profissionais no país e no mundo. Mas finalmente, e porque não principalmente, “Fabinho” se tratava de um ser humano admirável e generoso, que fora da profissão trabalhou em teatro, arte e cultura nos deixando dois livros inspiradores e uma lacuna gigante na ciência pesqueira.



*MARCELO BRITO
CARNEIRO LEÃO
Químico e Reitor da
UFRPE



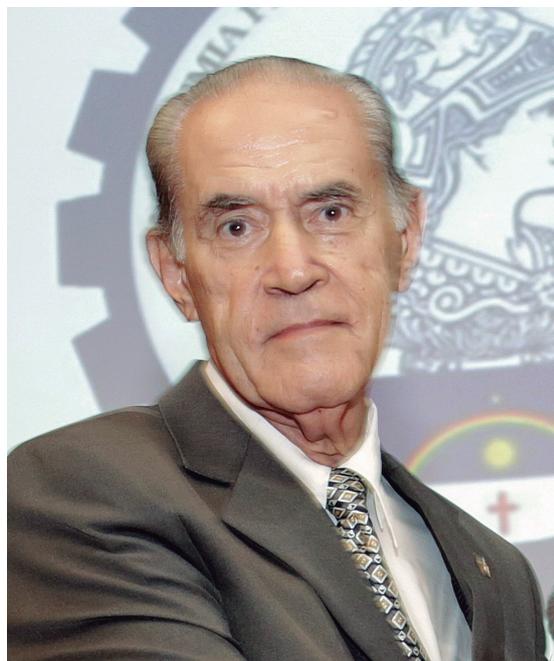
O mestre Dilson Teixeira

Seus alunos lidavam com situações rotineiras da Engenharia ainda na faculdade | ALEXANDRE DUARTE GUSMÃO*

Ainda adolescente ouvi falar muito de Dr. Dilson Teixeira na minha casa. Ele e meu pai Jaime Gusmão eram professores da disciplina Fundações no curso de engenharia civil da UFPE. Os alunos tinham que desenvolver na disciplina o projeto de fundações de um edifício. O projeto estrutural era sempre de um prédio real calculado na empresa do meu pai – ETEC Escritório Técnico de Estruturas. E as sondagens eram de algum terreno no Recife, fornecidas pela empresa de Dr. Dilson – Ensolo Engenharia e Consultoria de Solos e Fundações.

Imaginem esses estudantes desenvolvendo um problema real de engenharia? Foram docentes a frente do seu tempo, permitindo que aqueles futuros engenheiros lidassem com situações do dia a dia da engenharia ainda na faculdade. Vi muitos alunos que se tornariam brilhantes engenheiros frequentando a nossa casa da Agamenon Magalhães para discutir seus projetos, tirar dúvidas, e chorar pelos pontos para serem aprovados ao final da disciplina. Só muitos anos depois, já como professor, percebi como aquela metodologia era importante na formação dos engenheiros.

Hoje os especialistas chamam isso de metodologia ativa. Resolvi fazer engenharia civil na UFPE e tive que passar pelo mesmo drama de tantos engenheiros. Foi o meu primeiro contato com o famoso Professor Dilson Teixeira. Elegante, detalhista e atencioso com os alunos. Adorei a disciplina e resolvi entrar de vez na área de geotecnia. Logo em seguida, surgiu a oportu-



nidade de fazer iniciação científica na universidade. Eu me interessava por pesquisa, mas a minha paixão mesmo era ser engenheiro e professor. Então, eu o convidei para ser meu orientador, e fizemos um trabalho inovador sobre interação solo-estrutura de um prédio em construção em Boa Viagem. Aquela coisa de estudar uma obra de verdade e que estava sendo construída aos meus olhos, junto com tantas discussões com Dr. Dilson, me fascinava. Era a engenharia que eu realmente queria e sonhava.

Depois de formado, com uma carta de recomendação de Dr. Dilson, fui fazer pós-graduação no Rio de Janeiro. Na volta ao Recife, eu e meu pai fundamos a Gusmão Engenheiros Associados, uma empresa de consultoria e projetos de obras geotécnicas. Dr. Dilson já havia fundado a Ensolo há mais tempo. As duas empresas cresceram e venceram inúmeros desafios nas mais importantes obras

em Pernambuco nos últimos 25 anos. A engenharia geotécnica pernambucana é hoje reconhecida em toda a comunidade técnica do

Brasil pela sua competência e inovação. Dr. Dilson e a Ensolo são protagonistas dessa conquista.

Nunca deixamos de compartilhar nossas dúvidas técnicas. Fui a inúmeros encontros com Dr. Dilson na biblioteca do primeiro andar da casa na Rua Flor de Santana. Discussões acaloradas sobre a engenharia das nossas obras. Sempre com muito respeito, cumplicidade e principalmente solidarie-

dade. Ele sempre se referia ao meu pai como Mestre Jaime. Na missa de 7º dia do falecimento de Dr. Jaime, Dr. Dilson colocou minha cabeça nos seus ombros e choramos juntos. E houve muitos encontros com esse engenheiro fabuloso que transformava problemas complexos em soluções de engenharia simples e viáveis.

É assim que a verdadeira engenharia deve ser. Hoje não tenho mais seus ombros para poder chorar... mas ao lançar o olhar sobre a cidade e ver tantas obras servindo à sociedade, e que foram viabilizadas por esse mago da engenharia, tenho a convicção que essa profissão é realmente encantadora e transformadora. Obrigado, Mestre Dilson Teixeira por manter acessa essa chama em tantos engenheiros.



***ALEXANDRE D. GUSMÃO**
Engenheiro civil, professor da UPE e membro da APEENG

Wolmer Verçosa Vasconcelos, grande professor e matemático



Em 2021, a Engenharia pernambucana perdeu mais um nome de destaque internacional

| ROMILDE A. OLIVEIRA*

Wolmer Vasconcelos nasceu na cidade de Moreno, situada na região metropolitana do Recife, fez o curso secundário na capital pernambucana e se formou em Engenharia Elétrica pela Escola de Engenharia do Recife, na UFPE, onde era considerando um aluno brilhante.

Foi também aluno do Departamento de Matemática da UFPE, à época Instituto de Física e Matemática (IFM), nos anos 1960, tendo realizado iniciação científica sob a supervisão do professor José Morgado. Foi ainda professor do IFM. Posteriormente, em 1961, esteve em curta temporada no Instituto de Matemática Pura e Aplicada – IMPA seguindo para a Universidade de Chicago, onde fez o doutorado sob a orientação de Irving Kaplansky. A seguir fez pós-doutorado na Universidade

de Cornell e após várias interações, em 1967, foi trabalhar na Universidade de Rutgers, onde ele e sua esposa Áurea, professora de Biologia Molecular, desenvolveram suas atividades acadêmicas. O casal não teve filhos.

Durante sua vida acadêmica, produziu mais de 120 trabalhos nas áreas de álgebra comutativa, geometria algébrica e álgebra computacional e é autor de seis livros. Orientou quinze doutorados e supervisionou vários pós-doutorados. Foi editor da *Communications in Algebra* por 15 anos e da *Proceedings of the American Mathematical Society* por 10 anos e avaliador de mais de 20 revistas e de agências de fomento de pesquisas de diversos países.

Era membro titular da Academia Brasileira de Ciências desde 2003, na área de Ciências Matemáticas. Wolmer foi Professor Emérito de Matemática da Universidade de Rutgers.

Fontes consultadas:

1. Professor Wolmer Vasconcelos – falecimento, Departamento de Matemática, UFPE, 15.6.2021
2. <http://www.abc.org.br/2021/6/29/nota-de-falecimento-wolmer-vasconcelos/>
3. Obituário, Folha de São Paulo, 19.6.2021.
4. <https://www.math.rutgers.edu/component/comprofiler/userprofile/vasconce?Itemid=714>.



***ROMILDE A. OLIVEIRA**
Engenheiro civil, professor da UFPE e membro da APEENG



APEENG

DIRETORIA

Mario de Oliveira Antonino
(Presidente)

José Carlos de Miranda Farias
(1º Vice Presidente)

Carlos Fernando de Araújo Calado
(2º Vice Presidente)

José Artur de Barros Padilha
(3º Vice Presidente)

SECRETARIA

Romilde Almeida de Oliveira
(1º Secretário)

José do Patrocínio Figueiroa
(2º Secretário)

TESOURARIA

Alexandre Ricardo Pereira Schuler
(1º Tesoureiro)

Carlos Alberto Brayner de Oliveira
Lira (2º Tesoureiro)

CONSELHO FISCAL
(TITULARES)

Antônio Carlos Maranhão de Aguiar
José Antônio Feijó de Melo
João Joaquim Guimarães Recena

CONSELHO FISCAL (SUPLENTE)

Suzana Maria Gico Lima
Montenegro

apeeng.sec@gmail.com

**INFORMATIVO
APEENG**

Edição: Mariana Souza

Diagramação: Luiz Oliveira

Fotos: Divulgação, Unsplash,
Freepik, Assessoria da Academia
Pernambucana de Engenharia



PAUSA PARA UM ALMOÇO ARRISCADO

Épocas de crise, por piores que sejam, podem fornecer cenários e situações que geram registros históricos. Esse foi o caso da famosa foto *Lunch Atop a Skyscraper* (“Almoço no arranha-céu”, em tradução livre), registrada na cidade de Nova York em 1932 pelo fotógrafo Charles Ebbets, no 69º andar do Ed. RCA.

Na época, a imagem visava transmitir a ideia de que os Estados Unidos, mesmo vivendo a maior recessão do século xx, estavam construindo edifícios, progredindo e trabalhando para a recuperação da economia. E, realmente, ver trabalhadores almoçando sobre uma viga metálica suspensa a 260 metros de altura, sem nenhum equipamento de proteção mostra a dedicação dos trabalhadores, fosse por necessidade ou vontade de uma vida melhor.

Ela foi publicada pela primeira vez no *New York Herald-Tribune*, em 2 de outubro de 1932, entrando para a história como uma das fotos mais conhecidas do mundo.